

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



feito sobre a poesia e teatro gregos. De tudo isso se serviu o autor, para um extenso e circunstanciado comentário (pp. 53-257) de carácter predominantemente literário, isto é, procurando pôr em foco a aplicação das regras, expendidas por Aristóteles, às obras literárias. Levado pelo mesmo espírito e visando, sobretudo, os professores e estudiosos de literatura, Lucas, sempre que possível, relega as citações em caracteres gregos para notas ao fundo da página, tanto na Introdução (onde trata das obras de Aristóteles; da possível existência de um segundo livro de crítica literária, *Sobre os Poetas*; os predecessores de Aristóteles em matéria poética, de Homero a Platão, referindo em rápidas pinceladas a contribuição de cada um, com especial referência para o último; e o texto e sua transmissão), como nos 4 Apêndices (pp. 258-307) que vêm a seguir ao Comentário, onde dilucida alguns conceitos fundamentais da Poética: I — *mimesis*; II — piedade, terror e *katharsis*; III — tragédia simples e complexa; IV — *hamartia*.

Valorizam ainda a obra uma bibliografia (pp. XXVI-XXVIII), um índice seleccionado de autores e um índice dos termos gregos mais significativos (pp. 309-313).

ANTÓNIO LOPEZ EIRE, **Tres cuestiones de Dialectología Griega**, Colegio Trilingüe de la Universidad de Salamanca, Theses et Studia Philologica Salmanticensia XIV, 1969. 27 pp.

Inovaciones del Jónico-Ático (vocalismos), Universidad de Salamanca, 1970, Acta Salmanticensia, 60. 48 pp.

Trata Lopez Eire, nestes dois trabalhos, algumas questões de Linguística Grega de grande importância e pertinência e que não têm tido a solução unânime de todos os estudiosos. O autor começa por referir, no «Prologo» do primeiro, o aparecimento de soantes geminadas, devidas à evolução dos grupos indo-europeus *s+soante. Assim *sr, *sl, *sm, *sn, *sy, *sw dariam *rr *ll, *mm, *nn, *yy, *ww. Esta opinião será retomada no segundo dos trabalhos em epígrafe e desenvolvida para estabelecer uma teoria de alongamentos compensatórios pela simplificação das geminadas intervocálicas. Posta esta observação prévia, o autor passa a analisar três pontos: evolução de *osyo para -oo (portanto da origem do genit. singular da declinação temática), da simplificação da geminada *ss em *s, no iónico-ático e arcádico; e, por fim, da despatalização das geminadas palatais *n'n' e *r'r'.

Segundo Eire as terminações -oo e -oo têm a mesma origem: *osyo que por evolução normal passaria a *oyyo; mas, como o artigo, por ser uma forma átona, não admitia a geminada, passou a *toyo. Por fim o *-y- intervocálico desaparece e temos a forma too, enquanto por sua vez a terminação *-oyyo nos nomes, pronomes e adjectivos passa a *-oyo; por fim, por analogia com o artigo too, em sequências como *too λύκοιο, a terminação perdeu o *-y-: *too λύκοο.

No segundo capítulo refere que a simplificação do duplo sigma *ss não se deve ter dado no protogrego, mas que se trata, sem dúvida, de um fenómeno dialectal, do iónico-ático e arcádico, que se teria processado, por economia fónica, aquando da assibilação da dental no grupo *ti: tendo-se perdido, no protogrego, o *-s- inter-

vocálico, apenas restava, em tal posição, a sibilante geminada; quando, no iónico-ático e arcádico, o grupo * -ti deu -sí, passou a existir nesses dialectos a geminada ao lado da simples entre vogais, facto que é sem dúvida antieconómico e que levou esses dialectos a simplificarem a geminada.

No terceiro ponto o autor trata da despalatalização das geminadas * n'n' e *r'r' do protogrego e é de opinião que quando precedidas de e, i e u perde a sua palatalidade confundindo-se com * nm e * rr respectivamente. Quando precedidas de a e o as geminadas palatais * n'n' e * r'r' transformam-se nos grupos * in e * ir. Assim seqüências como * an'n', * on'n', * ar'r', * or'r' transformaram-se em -aw-, -ow e -auq-, -ouq-. Deste modo evitar-se-ia a necessidade da interservação dos grupos * -ny- e * ry para explicar palavras como βάλνω (o autor fá-la proceder de * gw an'n'o) e χαίρω.

Estes estudos de Lopez Eire têm o interesse de darem uma explicação lógica e unitária para a terminação -ov do genitivo do singular de declinação temática e para a evolução de grupos como * -ny- e * -ry-. Esta última hipótese parece-me mais atraente do que a diferenciação de tratamento estabelecida por Lejeune: quando o grupo é precedido de e, i ou u, tratamentos diferentes nos diversos dialectos — nuns dá-se a assimilação do iod à sonante e noutros o seu desaparecimento com alongamento da vogal anterior —; quando o grupo vem antecedido de a ou o dá-se a interverção e consequente ditongação do iod com a referida vogal (cf. M. Lejeune, *Traité*, pp. 134-135).

Já a sua opinião sobre a simplificação da geminada * -ss- no iónico-ático e no arcádico é menos clara e não explica por que se manteve em algumas palavras gregas, como ἔλισσομαι, μέλισσα, κρίσσω. Concordo plenamente que se trata de um fenómeno dialectal, mas não me parece suficientemente provado como e porque se deu essa simplificação.

No segundo trabalho citado, desenvolve a teoria da formação de soantes geminadas no protogrego pela evolução dos grupos intervocálicos soante + s e s + soante (* -sy-> -yy-; * -sw-> * -ww-; * -sn-> * -nn-; * -sr-> * -rr-; etc.).

Estas soantes geminadas, com excepção para o lésbico e tessálico, teriam desaparecido com o alongamento compensatório da vogal anterior. Mas a evolução de * -oyyo para -oo (como vimos acima, o autor já analisara esta evolução no trabalho anterior) ter-se-ia dado primeiro do que * -anna para -āna.

Num segundo capítulo Lopez Eire observa que, em consequência desses alongamentos compensatórios, se criaram, no iónico-ático, as vogais longas fechadas ē e ō que condicionaram a monotongação de ei e ov e originaram um fechamento no ā (ā > ā̄) que mais tarde veio a confundir-se com ē quando surgiu um novo ā, em consequência de alongamentos compensatórios recentes ou de contracções.

Por fim, no séc. VII, u teria passado a ü, completando-se deste modo a formação do sistema vocálico no iónico-ático.

Estes trabalhos de Lopez Eire procuram aplicar ao grego as correntes actuais da linguística, com todas as dificuldades que o método comporta: esquecendo muitos factos, dando-nos uma visão parcial e incompleta de certos fenómenos e eliminando zonas inteiras da língua que não se adaptam ao esquematismo que se pretende, como nota F. Rodríguez Adrados, *Linguística Estrutural*, Madrid, Editorial Gredos, 1969, p. 66.